

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal do Comércio*

Class.: 990

Data: 26.07.89

Pg.: _____

**Governador de Roraima
nega participar da máfia**

VICENTE NUNES
DE BOA VISTA

“Eu não participo de qualquer máfia do ouro ou religiosa. E todas as insinuações de que eu teria ganhado um avião Lear Jet (um jatinho particular de 10 lugares) para beneficiar os donos de garimpos em operações ilícitas e de massacres de índios da região não passam de bobagens de quem não tem o que falar”. A afirmação foi feita, ontem, ao JORNAL DO COMERCIO, pelo governador de Roraima, Romero Jucá Filho, contestando informações de várias facções políticas e da Igreja, de que se estaria beneficiando de toda a febre do garimpo em seu Estado para enriquecimento próprio.

Romero Jucá disse que, ao contrário de prejudicar os índios e de obter recursos extras com os garimpos, está buscando soluções para toda a crise que se abateu sobre Roraima, depois que “uma chuva de garimpeiros inundou a região, nos últimos tempos”. Para tanto, acrescentou, reuniu-se na terça-feira da semana passada com representantes do Congresso Nacional, em Brasília, quando apresentou o projeto Meridiano 62, que visa obter a aprovação do Governo federal para que o controle das áreas de pesquisas e extração mineral seja feito pelos governos estaduais e não mais por órgãos federais, conforme ocorre atualmente.

O governador de Roraima — que é filiado ao PFL e foi indicado para o cargo no final do ano passado, depois de presidir, nos dois

últimos anos, a Fundação Nacional do Índio (Funai) — afirmou que o Meridiano 62 irá tratar as reservas indígenas e florestais da maneira que melhor convier aos interesses do Estado. Acrescentou, também, que, caso o Governo federal autorize o projeto, irá contactar os indígenas a fim de obter autorização para a exploração mineral em suas reservas. “Se eles autorizarem, muito bem. A extração será feita. Caso não concordem, daremos todas as garantias para que ninguém invada as terras demarcadas”, comentou.

— Agora, acredito que as aldeias que não liberarem a produção de minérios em suas terras certamente acabarão por concordar com o projeto de exploração, ao se depararem com as outras tribos que passarão a receber os royalties da extração garimpeira. Acabou-se o tempo em que o índio vivia com a machadinha e morria de malária. Eles também merecem conhecer os avanços que a população branca conquistou ao longo dos anos — enfatizou.

Questionado, entretanto, se não poderia intervir na dizimação dos índios que vem ocorrendo em seu Estado, Romero Jucá Filho afirmou que as reservas indígenas e florestais estão pura e exclusivamente sob o controle do Governo federal, nada podendo fazer até que o Congresso libere o projeto Meridiano 62. Argumentou, ainda, que desconhece a legislação que lhe permite solicitar junto ao Governo federal forças do Exército para garantir a segurança

dos índios, mesmo isto estando explicitado na nova Constituição. “Concordo que a maneira como os garimpeiros estão invadindo Roraima não é a mais correta, mas não posso fazer nada para controlar isto”, salientou.

Romero Jucá disse que, quando assumiu o governo de Roraima, os garimpeiros já estavam instalados nas reservas indígenas. Destacou que toda a pressão que existe hoje em torno do assunto não passa de questões envolvendo interesses muito grandes. Do lado internacional, comentou, as pressões não são sobre os garimpos de ouro, mas sobre minerais estratégicos, como a cassiterita (utilizada na produção do estanho) e o titânio (utilizado para a construção de ligas de espaçonaves).

— Garimpos já fazem parte da história do estado de Roraima. São 40 mil garimpeiros presentes, gerando muitos empregos indiretos. E não é de uma hora para outra que se pode acabar com isto. A função do governador é gerar equilíbrio e não confusão — ressaltou.

Atualmente, Roraima possui 300 mil habitantes e produz 3 toneladas de ouro por mês. Entretanto, somente uma tonelada é registrada oficialmente. Apesar de ser a terra do ouro — ou o novo Eldorado —, Roraima pouco arrecada com o metal. Nos seis primeiros meses do ano, a arrecadação do ICMS gerou apenas NCz\$ 6 milhões para o Estado. Segundo Jucá, o ouro em nada contribuiu para isto.

Igreja confirma a existência

Se o Governador de Roraima, Romero Jucá Filho, nega com veemência a existência de uma máfia do ouro no Estado, o bispo dom Aldo Mongiano ressalta que “a máfia está presente, só não vende quem não quer. Aqui em Roraima, os donos dos garimpos compram quem eles querem, militares, políticos, polícia. Não há quem não escape do suborno, quando se depara com uns graminhas de ouro a sua frente. Por isto, esta tragédia que está acontecendo no Estado, com muitos índios sendo dizimados e muitas florestas devastadas”, disparou.

Dom Aldo Mongiano disse, ainda, que hoje é praticamente impossível alguém conseguir realizar um levantamento sobre a situação dos índios, na região. Acrescentou que as dificuldades são grandes, com o Governo proibindo qual-

quer tipo de contato. “Se analisarmos por aí, podemos perceber o quanto há de errado por trás de tudo o que se vê hoje. É impossível acreditar que os índios estejam convivendo em harmonia com os garimpeiros”, afirmou.

O bispo de Roraima disse, também, que, além de perderem parte de suas terras, os índios estão sendo contaminados por vários tipos de doenças, entre elas a malária e a Aids. Conforme ressaltou, muitos casos dessas doenças já levaram várias tribos ao desespero. “É preciso que o governador de Roraima faça alguma coisa para reverter tal quadro, antes que a situação piore de vez”, disse.

No entender de dom Aldo Mongiano, se a situação já era calamitosa antes de Romero Jucá assumir o governo, a partir de sua posse a situação piorou ainda

mais. “Desde o ano passado, mais de 100 pistas de pouso clandestinas foram abertas na floresta e um aeroporto irregular, sem qualquer estrutura para vôos e decolagens, foi instalado no centro de Boa Vista, na área do antigo Jóquei Clube, sem que Romero Jucá fizesse qualquer coisa para impedir isto”, destacou.

Dom Aldo Mongiano acrescentou que não é contra a entrada de garimpeiro em Roraima ou em qualquer outro lugar. A seu ver, sua instalação deve ser feita com critérios e seguindo as normas da nova Constituição, que proíbe qualquer tipo de invasão em reservas florestais e indígenas. “Somente assim criam-se condições para se manter um clima harmonioso e longe de se criarem benefícios para atender interesses de pequenos grupos”, arrematou.

Garimpeiro diz que não invade

“Nas reservas indígenas não há invasão. O que acontece hoje é que os índios nos chamam para as suas terras para nos pedir comida, escolas, melhores condições de vida.” Isto foi o que disse, ontem, o presidente do Sindicato dos Garimpeiros de Roraima, José Teixeira Peixoto, ao ser indagado sobre a real situação dos índios no Estado.

No seu entender, as notícias sobre massacres de índios e devastação de florestas não passam de “balelas” do bispo de Roraima, Dom Aldo Mongiano, do senador Severo Gomes e do presidente do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Minerais Re-

nováveis, Fernando César Mesquita. Acrescentou que a importância dos garimpeiros no Estado não se restringe somente ao apoio dado às comunidades indígenas, mas também ao comércio de Roraima, que já teria fechado as suas portas há muito tempo se os garimpeiros não tivessem vindo para a região.

José Teixeira Peixoto — ou “Baixinho”, como é mais conhecido nos garimpos — disse que se há correntes contrárias aos garimpeiros, “felizmente o Governador Romero Jucá Filho — está dando todo o apoio aos profissionais do ouro”. A seu ver, o governador é um homem sensí-

vel e ciente da importância dos garimpos para o enriquecimento do Estado.

O presidente do Sindicato dos garimpos de Roraima, no entanto, afirmou discordar das opiniões do governador de que as pressões existentes no mercado internacional, sobre a instalação de garimpeiros na Região Amazônica não estão vinculadas à extração de ouro, mas sim à produção de outros tipos de minérios, como a cassiterita e o titânio. Na sua opinião, “quem disse isto não sabe do que está falando”.

O jornalista VICENTE NUNES viajou a convite da Bolsa Mercantil e de Futuros (BM&F).